

> *Pequenas Grandes Mentiras:* Uma ponte entre a violência doméstica e a *Fenomenologia do* *Espírito de Hegel*

> *Big Little Lies. A bridge between domestic violence
and Hegel's Phenomenology of Spirit*

por **Marloren Lopes Miranda**

Doutora em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pós-doutoranda em Filosofia na Universidade Federal de Goiás (UFG), bolsista PROCAD/CAPES. E-mail: marloren.miranda@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-6875-9580.

Resumo

Pequenas Grandes Mentiras, de Liane Moriarty, também transformado em série televisiva, traz, entre outros temas, o da violência doméstica contra mulheres. Nesse romance, através do casamento entre Celeste e Perry, Moriarty apresenta os elementos estruturais desse tipo de violência. Minha hipótese aqui é a de que esses elementos remetem à passagem da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel conhecida como "dialética do senhor e do escravo". Assim, a violência doméstica contra mulheres recoloca a relação de dominação e escravidão, apresentada abstratamente na *Fenomenologia*, de modo concreto, isto é, situada em um contexto histórico-cultural. O objetivo central deste texto é identificar esses elementos na sua perspectiva conceitual, trazendo o debate acerca da violência doméstica contra a mulher para o campo filosófico.

Palavras-chave: Violência de gênero. Violência doméstica. Senhor e escravo. Hegel.

Abstract

Liane Moriarty's *Big Little Lies*, also transformed into a television series, features the theme of domestic violence against women, among other subjects. In this novel, Moriarty presents the structural elements of this type of violence through Celeste and Perry's marriage. My hypothesis here is that these elements refer to the passage from Hegel's *Phenomenology of Spirit* known as the "dialectic of the master and the slave." Thus, domestic violence against women replaces the relation between domination and slavery, presented abstractly in the *Phenomenology*, in a concrete way, that is, situated in a historical-cultural context. The central objective of this text is to identify these elements in their conceptual perspective, bringing the debate about domestic violence against women to the philosophical field.

Keywords: Gender violence. Domestic violence. Master and Slave. Hegel.

> Artigo recebido em 16.08.2018 e aceito em 02.12.2018

1. Introdução

De acordo com a Lei Maria da Penha (11.340/2006), a violência doméstica e familiar contra a mulher¹ é definida como

qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial:

I - no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;

II - no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;

III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação².

Segundo o *Panorama da violência contra as mulheres no Brasil*, publicado pelo Senado Federal em 2018, através do Observatório da Mulher Contra a Violência, uma das características marcantes desse tipo de violência é “o fato de ela ser perpetrada principalmente por pessoas que mantêm ou mantiveram com a vítima uma relação de intimidade”³. Isso aponta para a vulnerabilidade dessa vítima, que, muitas vezes, não denuncia essa violência, uma vez que o agressor é “companheiro da vítima, pai de seus filhos, o que dificulta o rompimento da relação afetiva, mesmo em contextos de violência”⁴, isto é, ela está envolvida com esse agressor de modo afetivo e emocional. Assim, a violência contra a mulher é praticada, em boa parte dos casos, por alguém muito próximo, especialmente pelo companheiro com vínculo familiar ou não - por exemplo, pelo marido, pelo namorado, ou pelo companheiro em uma relação estável.

¹ No presente trabalho, não vou entrar em discussões acerca da diferença entre identidade de gênero e sexo, mantendo uma correlação entre “mulher” e “feminino”, assim como entre “homem” e “masculino”. No entanto, um estudo ulterior um pouco mais detalhado a partir dessa discussão seria necessário. Para uma visão geral dessa discussão, ver: BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2017.

² Maria da Penha Maia Fernandes. *Sobrevivi... Posso Contar*. 2012, p. 200.

³ *Panorama da violência contra as mulheres no Brasil* [recurso eletrônico]: indicadores nacionais e estaduais. - N. 2, 2018, p. 4.

⁴ *Idem*, p. 6.

De um modo geral, por causa desses fatores, esse tipo de violência não ocorre constantemente, mas é caracterizado por episódios, que obedecem, segundo o estudo referido acima, um *ciclo violento*. Esse ciclo seria composto “por três fases: a) acumulação de tensão; b) explosão; e c) lua-de-mel”⁵. Há, desse modo, uma escala gradual de violência, que culmina em um episódio de agressão física grave, numa espécie de ataque de fúria. Caso a morte não ocorra, esse episódio é seguido de uma fase na qual o agressor expressa arrependimento, e comporta-se de modo gentil e amoroso, não lembrando em quase nada aquela pessoa agressiva. Essa fase, no entanto, começa a dar lugar a pequenas tensões, que reiniciam o ciclo. De acordo com o estudo do Senado Federal, esses ciclos tendem a se repetir com mais frequência com o passar do tempo, podendo levar a desfechos trágicos diversos, como suicídio, assassinato do agressor pela vítima ou da vítima pelo agressor.

A violência contra a mulher já vinha sendo denunciada pelo movimento feminista nacional e internacional desde os anos 1970, mas ainda permanecia na especificidade da violência sexual. Após alguns estudos em diversas áreas acerca da relação entre violência, gênero e teoria do Estado, segundo Bandeira, a violência doméstica contra mulheres, de modo mais amplo, e em especial aquela cometida por seus cônjuges, surge como *categoria*, especialmente no Brasil, mas também internacionalmente, a partir de 1980, sendo a principal reivindicação do movimento feminista brasileiro desde então⁶. É neste cenário que obras literárias, no Brasil e no mundo, começam a tratar desse tema como um ponto central, ainda que relativamente em um número pequeno.

Embora, ainda hoje, a literatura siga sendo um campo de saber majoritariamente masculino – da produção de autores homens e do lugar de fala masculino no interior das narrativas, como aponta Dalcastagnè⁷ no caso

⁵ Idem, p. 6.

⁶ Lourdes Maria Bandeira. *Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação*, 2014, p. 450-451.

⁷ Regina Dalcastagnè. *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*, 2005, p. 15.

brasileiro –, o espaço das mulheres escritoras vem sendo consolidado a partir do século XX e do século XXI, através do surgimento de novas autoras ou da descoberta e divulgação de autoras antigas. Esse espaço vem sendo conquistado especialmente através autoras que abordam temas negligenciados pela tradição literária, como a maternidade, a identidade feminina, a sexualidade feminina, o envelhecimento da mulher, o papel social das mulheres, e disso tudo a partir da perspectiva da própria mulher, como nas obras de Sylvia Plath, Elena Ferrante, Thrity Umrigar, Chimamanda Ngozi Adichie, Marta Batalha, entre outras. Essas obras rompem com uma determinação tradicional da mulher, feita exclusivamente pelo olhar do homem – ou ainda, rompem com a visão da mulher enquanto o outro do homem, visão que Beauvoir aponta em *O Segundo Sexo* – e que, por isso, como defende Woolf em *Um Teto Todo Seu*, fazia da mulher uma ficção que quase nunca correspondia à mulher real. Segundo Woolf,

quem não é historiador poderá [...] dizer que as mulheres têm brilhado como um farol em todos os trabalhos de todos os poetas desde o princípio dos tempos – Clitemnestra, Antígona, Cleópatra, Lady Macbeth, Fedra, Créssida, Rosalinda, Desdêmona, a duquesa de Malfi, entre os dramaturgos; e entre os escritores de prosa: Millamant, Clarissa, Becky Sharp, Ana Kariênina, Emma Bovary, Madame de Guermantes – os nomes afluem à mente e também não evocam mulheres que ‘carecem de personalidade e temperamento’. De fato, se a mulher não existisse a não ser na ficção escrita por homens, era de se imaginar que ela fosse uma pessoa da maior importância; muito variada; heroica e cruel, esplêndida e sórdida; infinitamente bela e horrenda ao extremo; tão grandiosa como um homem, para alguns, até mais grandiosa. Mas isso é a mulher na ficção. Na vida real, [...] ela era trancada, espancada e jogada de um lado para outro⁸.

A autoria de mulheres estabelece, então, um novo paradigma nas narrativas, trazendo temas relativos à experiência da mulher a partir de seu próprio lugar de fala – este entendido aqui, em linhas gerais, como uma fala produzida a partir de uma localização social.⁹

É nesse contexto que surge o romance *Pequenas Grandes Mentiras*, de Liane Moriarty, publicado em 2014 e adaptado para uma série televisiva em

⁸ Virginia Woolf. *Um Teto Todo Seu*, 2014, p. 65-66. Podemos perceber aqui que a violência contra a mulher não é um fenômeno recente, apenas um fenômeno tradicionalmente negligenciado.

⁹ Cf. Djamila Ribeiro. *O que é lugar de fala?*, 2017, p. 86.

2017. Ele conta a história de três personagens mulheres cujos filhos começam a vida escolar no jardim de infância. Há algumas diferenças pontuais entre o livro e a série, que vou indicar em momentos oportunos, mas o cerne da história contada em ambos permanece o mesmo. A história começa mostrando uma vida pacata dessas mulheres, de classe média alta, em uma cidade litorânea, mas logo percebemos que essa aparência esconde as angústias dessas vidas. Além de temas como maternidade, casamento e amizade entre mulheres (eu diria que esse último é o tema central do livro), a obra chama atenção por relatar ao menos dois “tipos” de violência contra as mulheres: com relação à personagem Jane, que relata ter sofrido um estupro, portanto, violência sexual, e à personagem Celeste, que é agredida por seu cônjuge, portanto, é vítima de violência doméstica. Neste trabalho, ater-me-ei a essa última.¹⁰

No entanto, o objetivo aqui não é apenas compreender como essa violência se articula na narrativa referida, mas testar a hipótese de que essa articulação é uma relação de dominação e escravidão tal como Hegel apresenta na *Fenomenologia do Espírito*, trazendo a discussão para o campo conceitual filosófico. Nessa obra, essa relação é um momento no qual consciências lutam para ser reconhecidas enquanto tais – *grosso modo*, não como objetos, mas como sujeitos. No entanto, esse momento é unilateral, pois, em vez de ambas as consciências se reconhecerem mutuamente, uma delas coloca a outra no lugar de objeto, não a reconhecendo como um sujeito propriamente dito – ou como uma consciência que é consciente de si mesma. Essa unilateralidade é precisamente expressa como a relação de dominação, que, a meu ver, parece conter os mesmos elementos da estrutura da violência doméstica contra a mulher, embora aquela não se caracterize como um ciclo. Se minha hipótese se confirmar, disso se segue uma nova hipótese: que a luta pelo fim da violência doméstica contra as mulheres é uma luta por reconhecimento, nos termos hegelianos. No entanto, para a

¹⁰ Assim, vou analisar a relação entre homem e mulher, na qual o homem é o agressor e a mulher é a vítima. Seria necessário um outro estudo a fim de considerar outros tipos de relação conjugal que apresentam casos de violência doméstica, como uniões homoafetivas.

confirmação da segunda hipótese, um estudo mais profundo da obra hegeliana seria necessário, ao que não vou me propor aqui.

Gostaria de frisar, antes de entrar propriamente nos textos, que *Pequenas Grandes Mentiras* apresenta um lugar de fala bastante específico – o lugar da mulher branca de classe média alta. A partir desse lugar podemos identificar com bastante clareza, como procurarei mostrar, o ciclo de violência doméstica que indiquei anteriormente. Todavia, disso parece surgir um outro problema, que necessitaria de um estudo posterior e bem mais detalhado: seria preciso investigar se, a partir de outros lugares de fala, como da mulher negra e pobre, por exemplo, esse ciclo apresenta as mesmas características, ou se apresentaria variações de acordo com outros aspectos interseccionais. Se esses outros fatores provocando experiências diversas para a mulher que as vive, parece razoável que também interfira no sofrimento desse tipo de violência. No entanto, não vou tratar disso aqui, atendo-me ao que parece ser o modelo de acordo apenas com o gênero, ciente de que isso parece ser apenas uma parte de todo o problema.

2. *Pequenas Grandes Mentiras*. Perry e Celeste e o ciclo da violência doméstica e alguns outros elementos

Celeste, que é amiga há anos de Madeline, e que se torna amiga de Jane no início da trama, tem um casamento relatado a nós por outros personagens como o casamento perfeito, com o homem perfeito. Perry, seu marido, é um empresário bonito e rico; eles moram em uma casa confortável com vista para o mar e têm dois filhos lindos, os gêmeos Max e Josh. Celeste e Perry são diversas vezes descritos por outros como um casal que ainda tem o frescor dos primeiros encontros, um casal ainda muito próximo, um casal lindo, a ponto de causar alguma inveja, como aponta Melissa, em um dia no qual o casal estava na praia: “Celeste e Perry estavam amorosos, rindo e ajudando os filhos a fazer um castelo de areia elaboradíssimo. Foi meio chato, para ser sincera. Tipo, até os castelos de

areia deles eram melhores que os nossos”¹¹. Mas logo descobrimos que a vida de Celeste não é tão maravilhosa como os outros pensam, apesar de ela passar boa parte do livro tentando se convencer disso: “Ele era um bom pai. Um bom marido também. Na maior parte do tempo”¹².

A obra começa a nos contar que Celeste vive uma experiência de violência doméstica conjugal. Qualquer coisa que ela fizesse que desagradasse a Perry desencadeava uma briga que envolvia força bruta, deixando hematomas em Celeste, e algumas vezes chegava a situações limite, como quase sufoca-la ou bater a cabeça dela com força na parede até fazê-la desmaiar. Mas ela tenta se convencer de que não é assim tão grave: “*Foi só uma briga feia*, disse ela a si mesma. *Todo casal briga*”¹³. E boa parte das vezes, estava envolvida na briga uma tensão também sexual:

Será que havia uma parte doentia de Celeste que no fundo *gostava* de viver daquela forma e queria aquele casamento sujo e vergonhoso? Era assim que ela via seu casamento. Como se ela e Perry se envolvessem em algum tipo de prática sexual repulsiva e pervertida.

E o sexo fazia parte da dinâmica.

Sempre havia sexo depois. Quando tudo acabava. Lá pelas cinco da manhã. Sexo selvagem, furioso, com lágrimas de um caindo no rosto do outro e desculpas ternas e palavras murmuradas repetidamente: *Nunca mais, juro pela minha vida, isso tem que acabar, temos que parar com isso, devíamos procurar ajuda, nunca mais*¹⁴.

Mas sempre voltava a acontecer. Mesmo quando Celeste e Perry tentaram buscar ajuda profissional, surge o que parece ser uma certa ingratidão de Celeste, como se ela achasse que uma vida tão boa, um marido tão bom, tivesse que ter um custo:

Como podiam confessar a uma estranha o que acontecia no casamento deles? A vergonha. O comportamento vil. Eram um casal bonito. As pessoas lhes diziam isso havia anos. Eles eram admirados e invejados. Tinham todos os privilégios do mundo. Viagens internacionais. Uma bela casa. Era feio e ingrato da parte deles agir daquela maneira.

¹¹ Liane Moriarty. *Pequenas Grandes Mentiras*, 2017, p. 63, grifo da autora.

¹² Idem, p. 115.

¹³ Idem, p. 68, grifo da autora.

¹⁴ Idem, p.69-70, grifos da autora.

'Então parem de fazer isso', aquela mulher simpática e ansiosa certamente teria dito, com revolta e reprovação¹⁵.

Há vergonha e a certeza de um mal julgamento dos outros, um *medo* de não saber lidar com aquela situação às claras. Seguir naquele relacionamento daquele jeito não é bom, mas sair dele parecia a Celeste ainda pior justamente porque envolvia outras coisas, outros sentimentos. Envolvia dar alguma satisfação sobre seu relacionamento a outras pessoas, *tornar pública uma dor privada profunda*, a qual nem ela mesma sabia lidar. A resposta não parecia tão simples quanto "parar de fazer isso", como teria respondido a primeira terapeuta com quem se consultaram. Até porque Celeste se culpava, ela tinha certeza, às vezes, de que ela não era uma vítima: "Não acho que eu mereça. Mas não sou uma vítima. Eu revido. Jogo coisas em cima dele. Então sou tão ruim quanto ele. Às vezes, sou eu quem começo. Quer dizer, estamos em um relacionamento problemático"¹⁶. Havia toda uma estrutura que envolvia esse relacionamento, da qual era muito difícil se desfazer. É dessa estrutura que Celeste fala quando resolve ir sozinha a uma terapeuta especialista em violência doméstica, depois de se perceber com inveja de dois trabalhadores que estavam limpando a sua casa e rindo, felizes, algo que ela não sabia mais como era.

Na conversa com Susi, a terapeuta, Celeste diz que não acha que Perry tem medo dela: "não em um sentido físico. Acho que provavelmente ele tem medo de que eu o abandone"¹⁷. A conversa segue sobre o medo de Celeste:

– Quando esses 'incidentes' acontecem, a *senhora* alguma vez já sentiu medo?

– Bem, não. Quer dizer, mais ou menos. – Ela entendia o que Susi estava tentando dizer. – Olha, eu sei que alguns homens podem ser muito violentos, mas com a gente não é tão ruim assim. É ruim! Sei que é ruim. Não estou me iludindo. Mas, veja, nunca fui parar no hospital nem nada desse tipo. Não preciso ir para um abrigo, um refúgio ou seja lá que nome isso tenha. Não tenho dúvida de que você vê casos muito, muito piores que o meu, mas estou bem. Estou perfeitamente bem.

¹⁵ Ibidem, p. 70-71.

¹⁶ Ibidem, p. 179.

¹⁷ Ibidem, p. 179.

- Já teve medo de morrer?

- De jeito nenhum - disse Celeste de pronto. - Então fez uma pausa. - Bem, só uma vez. É que o meu rosto... Ele imprensou o meu rosto no canto do sofá.

Ela se lembrou da mão dele na sua nuca. Por causa da posição de sua cabeça, seu nariz mais ou menos se dobrou ao meio, tapando-lhe as narinas. Ela lutou freneticamente para se livrar, como uma borboleta presa por um alfinete¹⁸.

Apesar do estado de negação de Celeste, e da imensa dificuldade de aceitar-se como vítima de violência doméstica, percebemos que ela tem *medo da morte*. Nesse caso, mais do que a ideia de culpa, ou de ingratidão por uma vida aparentemente boa - ao menos, aos olhos dos outros -, o que impede Celeste de sair desse relacionamento é, no seu cerne, o *medo da morte* - ela teme por sua vida. Ela não parece considerar a hipótese de que é possível que o marido, alguém que mora com ela, que comprou uma bela casa para ela, que paga as contas dela, e assim *ela não precisa mais trabalhar* como advogada, sua profissão na obra, e pode cuidar só dos filhos, que parece o homem perfeito aos olhos de outros, possa ser alguém que venha efetivamente a matá-la. No entanto, ainda que com dificuldades de admitir, ela tem medo de morrer, pois a morte já havia chegado bem perto, já havia se apresentado aquela possibilidade, e se reapresenta mais uma vez no livro:

Mas era tão *surpreendente* que o homem bonito e preocupado que acabara de lhe oferecer uma xícara de chá e estava trabalhando no computador no outro cômodo, e que viria correndo se ela o chamasse, que a amava do fundo do seu coração estranho, provavelmente fosse matá-la¹⁹.

Essa possibilidade de alguém com esse tipo de vínculo - afetivo, íntimo, familiar, e também material - ser um potencial agressor é apresentada com muitas nuances pela autora. Em particular, ela apresenta a dificuldade de Celeste de se compreender como uma vítima, de compreender a relação que vive com o marido, e de pensar em uma saída. No entanto, a obra também apresenta de modo complexo, mas claro, também como essa relação se dá: é esse homem bonito e

¹⁸ Ibidem, p. 179, grifo da autora.

¹⁹ Ibidem, p. 282, grifo da autora.

preocupado que acabara de lhe oferecer uma xícara de café que a oprime, que a agride. Uma das várias formas dessa agressão, que não é apenas física, aparece de modo claro quando, com a ajuda da terapia, ela começa a pensar em um plano de fuga.

O plano do qual Susi fala é um modo de Celeste sair dessa relação. Celeste aluga um apartamento em outra região da cidade e passa a mobiliá-lo de acordo com seu próprio gosto, um gosto que, mesmo permitido por Perry, era criticado por ele:

Ela colocou o abajur no chão. Era um abajur colorido *art déco* em forma de cogumelo. Ela o comprara porque tinha gostado e porque era de um estilo que Perry odiaria. Não que ele fosse impedi-la de tê-lo se ela quisesse muito, mas torceria o nariz toda vez que olhasse para o objeto, do jeito que Celeste fazia com algumas peças de arte moderna de aspecto lúgubre para as quais ele apontava nas galerias. E por isso ele não comprava.

No casamento, era preciso ceder.

‘Querida, se realmente gosta desse estilo antigo feminino, vou arranjar uma coisa autêntica para você’, teria dito ele com carinho. ‘Essa é só uma imitação barata e cafona’.

Quando ele dizia coisas assim, ela ouvia: *Você é barata e cafona*²⁰.

É possível perceber aqui que a relação de Celeste e Perry também apresenta um elemento sutil: o controle dos *desejos* de Celeste por Perry. Nesse casamento, o desejo de Celeste é controlado não por ela, mas pelo marido, que determina o que ela pode ou não desejar – e se ela pode ou não satisfazer esse desejo, como vemos acima. No entanto, ela só vê, ou melhor dito, ela tenta se convencer de que esse agir é próprio daquele tipo de relação, a saber, do casamento: “no casamento, era preciso ceder”, e o próprio Perry não comprava coisas que ela demonstrava não gostar, como relatado na passagem acima. Mas Perry, que tinha domínio sobre seu desejo, tinha domínio também sobre o desejo de Celeste, que cedia *sempre*, ao passo que Perry cedia às vezes – a própria ação violenta que ele exerce sobre ela não deixa de ser uma realização de algum desejo de Perry. Em um certo sentido, que vou retomar no próximo item, o desejo de Perry é a própria Celeste, mas o de

²⁰ Ibidem, p. 209-210, grifos da autora.

consumi-la como a um objeto. O desejo, em várias facetas, surge como um elemento central nessa relação violenta entre Celeste e Perry.

Nesse processo de se compreender como vítima, Celeste fala para Susi da *estrutura* desse relacionamento, de como essa violência ocorre com aquele casal:

- Nosso relacionamento é uma gangorra - explicou Celeste. - Primeiro uma pessoa está com o poder, depois a outra. Cada vez que Perry e eu temos uma briga, especialmente se acaba em violência, se eu me machuco, então retomo o poder. Fico por cima.

[...]

- Quanto mais ele me machuca, mais por cima eu fico, e mais tempo dura. Então as semanas vão passando, e sinto o equilíbrio mudando. Ele para de se sentir tão culpado e arrependido. Os hematomas... fico com hematomas fácil... Bem, os hematomas somem. Pequenas coisas que eu faço começam a aborrecê-lo. Ele fica meio irritado. Tento acalmá-lo. Começo a pisar em ovos, mas ao mesmo tempo fico com raiva de ter que fazer isso, então às vezes paro de andar na ponta dos pés. Pisoteio com força os ovos. Implico com Perry de propósito porque estou com raiva dele, e de mim, por ter que ser cuidadosa. E aí acontece tudo de novo²¹.

Vemos, no trecho citado acima, que essa estrutura a qual Celeste descreve é a mesma daquele ciclo de violência do qual falei anteriormente: acumulação de tensão, explosão e lua-de-mel, retornando ao início e se repetindo daí. No entanto, considerando os trechos citados em conjunto, e a obra como um todo, há outros elementos presentes nesse relacionamento que parecem sustentar esse ciclo: essencialmente, o medo da morte, uma relação de dependência, que aqui aparece tanto como emocional, quanto como material - Celeste não trabalha mais, vive exclusivamente para os filhos, como dona de casa, embora tenha tido uma carreira como advogada - e o domínio ou não dos desejos. Assim, ela percebe que *não tem controle sobre seus desejos, em certo sentido, não tem controle sobre si mesma, sobre sua vida, temendo por ela*²² e, ao mesmo tempo, *vê-se sem saída para*

²¹ Ibidem, p. 182.

²² Celeste também teme pela vida de seus filhos, mas quero insistir na ênfase da relação entre ela e o marido. Na trama, uma menina colega do jardim de infância dos filhos de Celeste é vítima de agressões constantes, mas não sabemos quem agride essa menina. No final, a conexão entre o exemplo do comportamento violento do pai e a repetição dele por um de seus filhos fica evidente, e expõe um novo problema, do qual não vou tratar aqui: o do ambiente familiar de crianças e como isso se reflete no seu desenvolvimento. Para uma discussão acerca desse ponto, ver: OLIVEIRA, Madalena Sofia; SANI, Ana Isabel. A Intergeneracionalidade da violência nas relações

romper com esse ciclo, pois não tem condições materiais para rompê-lo. Minha hipótese de leitura aqui é que esses elementos, do medo da morte, do domínio do desejo, e a relação de dependência, aliados ao contexto de uma relação afetiva íntima, como um casamento, é o que estabelece e firma uma relação de dominação em diversos níveis, que é o que permite que o ciclo de violência aconteça e se repita indefinidamente, podendo causar até a morte da vítima. A meu ver, essa relação de dominação é idêntica à que Hegel apresenta na *Fenomenologia do Espírito*, no âmbito do reconhecimento das consciências enquanto consciências de si. Vejamos mais de perto essa relação de dominação e como ela se conecta com Celeste e Perry.

3. A relação de dominação e escravidão na *Fenomenologia*: estruturas e conexões

Na *Fenomenologia do Espírito*, obra de 1807, Hegel apresenta o caminho da consciência para sair de uma posição mais imediata com relação ao saber – as certezas sensíveis – para a posição que ele considera a mais mediada, a da filosofia ou do saber absoluto. A consciência tem um caminho de formação de si mesma em direção a saberes cada vez mais complexos, até se tornar uma consciência filosófica – uma consciência que se compreenda (que saiba de si mesma, isto é, uma consciência de si) em contextos complexos, como os histórico-culturais, e que esteja apta a relacionar esses contextos com os saberes que experimentou ao longo do processo, em especial, o saber que resulta dele, a filosofia. No meio desse caminho é que se situa a passagem acerca da relação de dependência e independência, da dominação e da escravidão, também conhecida como dialética do senhor e do escravo.²³

de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, v.6, p. 162-170, 2009.

²³ Opto por traduzir *Knecht* por “escravo” aqui, e não por “servo”, ao contrário de Kervégan (em KERVÉGAN, Jean-François. *Hegel e o Hegelianismo*. São Paulo, Edições Loyola, 2008), mesmo não sendo literal, pela seguinte razão: “escravo” se trata de um termo mais forte, de alguém que é

A passagem para a qual quero chamar atenção está localizada no quarto capítulo da *Fenomenologia*, intitulado “A verdade da certeza de si mesma”. Nesse momento, em linhas gerais, a consciência realiza a passagem de sua relação com os objetos do mundo para a relação com outra consciência. Ela ainda está operando através de uma perspectiva na qual ela é a verdade desses objetos porque é ela quem os determina, isto é, é ela quem determina como esses objetos são, porque eles aparecem de acordo com o modo como ela os experimenta – o mundo aqui é ainda o mundo em um momento fenomênico. No entanto, ela se depara agora com um novo “objeto”: uma outra consciência, algo idêntico a ela mesma, uma consciência que é duplicada.²⁴ Mas, por ainda não saber lidar com esse algo novo, ela tenta fazer com que ele encaixe nas determinações dessa consciência. Em outras palavras, ela tenta lidar com essa consciência como se ela fosse *apenas um objeto*.

Mas, por outro lado, essa consciência que é encontrada, o “duplo”, por assim dizer, também está realizando esse processo. Portanto, essa outra também tenta encaixar a consciência numa posição de objeto na sua relação com ela, como ela também lidava com os outros objetos no mundo, como se ela fosse a verdade do mundo. Assim, o que acontece a partir disso é, sob um ponto de vista, a compreensão pela consciência de que o que ela julgava ser uma verdade é, de fato, apenas uma certeza – ou uma “verdade abstrata”²⁵ –, uma vez que ela, sendo uma

privado de *qualquer* domínio sobre si mesmo, ao contrário de um “servo”. Um escravo é alguém privado completamente de liberdade e está totalmente a serviço do senhor que o escraviza, enquanto um servo teria alguns direitos reservados para si (o direito a terras, por exemplo, ainda que nelas ele trabalhe para o senhor). Para o meu propósito aqui, o termo “escravo” carrega um significado mais pesado, como a posição que a mulher ocupa em uma situação de violência doméstica.

²⁴ Hegel, *Fenomenologia do Espírito*, 2005. p. 138 (§169-171). Nesse momento do percurso da consciência, há ela como uma unidade (de si com o mundo); mas, ao surgir esse outro, há um fracionamento dessa unidade – porque a outra não surge como um outro mundo, mas no mesmo mundo da consciência, porém como algo desconhecido, diferente dela, e que se mostra como tendo mais ou menos as mesmas experiências que ela tem. Esse outro é outro e o mesmo que a consciência: por isso, uma duplicação de consciências.

²⁵ Cf. Hegel. *Ciência da Lógica*. 2. A Doutrina da Essência. Petrópolis, Vozes, Editora Universitária São Francisco. 2017, p. 58. Para Hegel, “a verdade é completa somente na unidade da identidade com a diversidade e, com isso, subsistiria somente nessa unidade” (*idem*, grifos do autor). Ou seja, em linhas bastante gerais, a verdade, para Hegel, é uma unidade de diversas perspectivas que só subsiste, como vemos, nessa unidade.

crença não necessariamente falsa, refere-se apenas a uma perspectiva do mundo, sem considerar outros contextos (como esse novo que surge, com a entrada de uma outra consciência, que não é, em si mesmo, um objeto, como uma árvore ou uma casa, mas é também um sujeito). É necessário que haja um novo processo, um novo modo de se relacionar com esse outro, e que disso surja uma nova verdade que seja adequada a esse contexto.

Sob outro ponto de vista, no entanto, essa compreensão acerca das certezas e das verdades não surge pacificamente: há um embate, porque ambas as consciências tentam impor sua própria verdade para a outra. O resultado disso é o que Hegel chama de uma "luta de vida ou morte"²⁶. Esse conflito ocorre porque a consciência tenta colocar a outra sob a perspectiva de um *objeto* sem vida, como os anteriores, reforçando sua própria posição de *sujeito* na relação. Nesse sentido, ela tenta *consumir* esse outro, tomando-o como algo vazio e tentando colocar nele suas próprias determinações (como ela fazia com os outros objetos). Entretanto, esse outro não é, nele mesmo, vazio; é, em si, *vida*²⁷. As consciências descobrem que o seu duplo é algo *independente* delas (ou que subsiste por si só, *selbständig*)²⁸. Com isso, elas passam a *desejar* (*begierden*) a outra: desejam a sua independência, a sua vida. Só que esse desejo surge ainda como era na relação anterior, com os objetos: como *consumo*. No momento anterior, o que a consciência desejava ela consumia, colocando nesses objetos, que não eram vivos, sua própria vida, tornando-se essa unidade com eles a partir de si própria, sendo a verdade desses objetos. Mas aqui nenhuma delas pode simplesmente fazer isso: a outra não é um objeto vazio, ela é também algo vivo; portanto, desejar a outra é desencadear um conflito de vida ou morte: é arriscar sua própria vida por uma verdade, ou para conquistar sua posição de sujeito frente à outra consciência.

²⁶ Op. cit. p. 145 (§187).

²⁷ A noção de "vida" que está em jogo aqui é mais do que algo biológico, mas também uma relação mais profunda consigo mesmo e com os outros. Para uma melhor discussão acerca dessa noção, ver: SILVA, Márcia Zebina Araújo. A vida do espírito. *Philosophos*, Goiânia, 11 (1), p. 159-174, jan-jun 2006.

²⁸ A tradução mais precisa, enquanto termo técnico hegeliano, optaria pelo segundo termo, mas vou usar os dois de acordo com o contexto, para uma melhor fluidez e compreensão do texto.

Dito de outra maneira: o que está em jogo aqui é o reconhecimento (*Anerkennung*) da consciência por si mesma e pela outra, é a determinação da sua própria identidade, do que ela é em si mesma e para si mesma. Para Hegel, esse reconhecimento só se dá através do outro, da diferença: a igualdade só surge e só subsiste através da diversidade²⁹. É a partir da duplicação das consciências – da diversidade delas – que elas podem novamente se unir, compreenderem-se como uma unidade, como iguais. Porém, para isso, para que haja, de fato, reconhecimento, em última análise, não pode haver morte: a luta é só *de vida*. Se uma das consciências é anulada – ou consumida, nesse sentido –, então não há *reconhecimento*, há só um retorno à posição inicial: não de uma relação *entre sujeitos*, mas de uma relação entre sujeito e objeto.

Todavia, nesse percurso, esse reconhecimento pode não ser realizado plenamente, isto é, o conceito pode não se realizar em um movimento duplamente transitório, ou de uma consciência para com a outra e para si mesma, e vice-versa – ou que ambas as consciências que arriscam as suas vidas reconheçam a vida da outra e encerrem o conflito, compreendendo a si mesma e a outra como sujeitos. A luta de vida e de morte que não pode acabar em morte pode acabar, entretanto, com um dos lados perdendo, com um dos lados aceitando essa posição de objeto, por temer por sua vida e preferir preservá-la do que arriscá-la ainda mais. Em outras palavras: no conceito de reconhecimento, para que ele seja efetivado, a luta não pode acabar em morte, mas nas relações entre as consciências, na “prática”, isso pode acontecer. Assim, um dos lados sente, de fato, *medo de morrer*: a consciência teme fortemente por sua vida, como uma

²⁹ Um outro estudo apenas para demonstrar esse ponto é necessário, o que não posso fazer neste espaço. Seria preciso reconstruir mais precisamente como Hegel compreende a relação de identidade e a relação de diferença, e mostrar como surgem daí as noções de igualdade e desigualdade, tal como ele faz na Doutrina da Essência da *Ciência da Lógica*. Mas, na impossibilidade de tratar o ponto no detalhe, quero manter presente aqui que, para Hegel, identidade e diferença são noções que se constituem apenas uma através da outra, porque essa é a natureza dessas noções (a de se constituírem por outro): a identidade se dá na diferença, e a diferença, na identidade. Para uma maior discussão acerca desse ponto, ver: HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Ciência da Lógica*. 2. A Doutrina da Essência. Petrópolis, Vozes, Editora Universitária São Francisco. 2017, p. 56-70. E também: GRIER, Philip. T. *Identity and Difference: Studies in Hegel's Logic, Philosophy of Spirit, and Politics*. Nova York, State University of New York Press, 2007.

angústia, um medo absoluto que abala as convicções da consciência³⁰, a ponto de ela aceitar uma posição que não está de acordo com a sua natureza – a de objeto, e não a de sujeito – para não morrer. Assim, essa luta determina papéis numa relação unilateral: *uma relação de dominação*. Nessa relação, aquele que vence a luta, que se reconhece e é reconhecido como uma consciência de si, como um sujeito, é o *senhor*, e o que perde, que aceita ser colocado numa posição de objeto por temer por sua vida, apesar de reconhecer o outro enquanto sujeito, não é reconhecido como tal, é o *escravo*³¹.

Desse modo, a consciência que ocupa o lugar do senhor, em um primeiro momento, é posta como *independente*, pois sua vida está apenas em suas próprias mãos, e a que ocupa o lugar do escravo, como *dependente*, pois sua vida depende do desejo da outra de mantê-la viva. Essa dependência do escravo se reafirma na dependência da satisfação de seus próprios desejos: enquanto o senhor satisfaz seus desejos como bem entende, o escravo precisa que o senhor determine o que para ele pode ser satisfeito e o que não pode, o que o escravo pode consumir, e o que não pode. O *desejo* do escravo, assim como sua vida, é *dominado* pelo senhor. O escravo só vive se o senhor quiser, ele só come o que o senhor permite, ele produz o que o senhor determina: seu desejo, pela vida, pelos objetos que produz, pela produção mesma, determina-se por um outro. O escravo é escravo, aqui, não de seus desejos, mas do desejo *de um outro* – e precisamente por isso ele está na situação de escravo, *dominado*, enquanto o senhor é senhor de seus próprios desejos e dos desejos de um outro, é senhor *de si*.

A relação entre o senhor e o escravo prossegue depois disso para uma inversão da relação de dependência: o senhor percebe que depende do escravo para satisfazer os seus desejos, e o escravo se percebe nessa posição. Todavia, embora o senhor reconheça a mediação do escravo para a satisfação de seu

³⁰ Cf. Hegel, *Fenomenologia do Espírito*, 2005, p. 151 (§196).

³¹ É de suma importância que se compreenda aqui que não é uma simples opção, uma escolha simples, a de aceitar estar na posição de escravo, mas é resultado de um medo angustiante e absoluto de perder a vida – aquilo que torna a consciência o que ela é, embora não possa, nessa posição, ser reconhecida como tal. É a posição de oprimido dentro dessa relação, na qual a consciência não é livre, não pode ser o que ela é.

desejo, ele segue reafirmando a dominação através da escravidão da outra consciência. Por outro lado, o escravo, através do seu trabalho, no qual produz os objetos para que o senhor satisfaça seu desejo, aprende a dominar o seu próprio desejo, mas apenas *de modo negativo*: ele aprende a controlar seu desejo, porque *não pode satisfazê-lo* como o senhor satisfaz o dele. Nisso, ele se reconhece como uma consciência de si, mas apenas negativamente: ainda não domina sua própria vida, como o senhor, positivamente, domina a sua (e a do outro). Para Hegel, esse reconhecimento de ambas as consciências através da outra e de si mesma só vai acontecer quando certeza e verdade forem novamente reunidas sob a razão³².

Para minha conexão com a obra de Moriarty, quero partir do momento imediatamente anterior a essa inversão. O estabelecimento da relação de dominação e a determinação dos papéis de cada um nela *se constitui* por pelo menos esses três elementos: o medo da morte, a dependência ou não de um outro, e o controle do desejo por si mesmo ou pelo outro. A meu ver, é precisamente nisso que a violência doméstica, em um sentido conceitual, constitui-se: *um ciclo de reafirmação constante da dominação de uma consciência pela outra*. Nessa relação, no caso da violência doméstica conjugal contra a mulher, o homem ocupa a posição do senhor, enquanto a mulher, a de escravo: o homem domina a mulher, estabelecendo uma dependência desta com ele, através da qual ele determina o desejo e a vida dela, pelas ameaças de morte. A mulher em situação de violência doméstica teme profundamente por sua vida, vê-se sem saída, inclusive material, daquela relação, e apenas por isso aceita que sua vida seja determinada pelo homem. Minha leitura é de que o ciclo de violência se sustenta e se repete através desses elementos, ainda que eles possam se apresentar com outros contornos e de diferentes maneiras – como apresenta o romance de Moriarty.

³² Ibidem, p. 172-303 (Capítulo V: “Certeza e verdade da razão”).

Nele há, por exemplo, uma tensão sexual, que me parece surgir, nesse caso, por causa da relação de intimidade do casal³³. Isso não parece impossibilitar a identificação desses elementos, embora possa tornar isso um pouco mais difícil, pois eles se encontram dissolvidos nessa relação de intimidade, que é, por si só, complexa. Todavia, a obra mostra frequentemente não apenas a repetição do ciclo violento, mas porque ele se dá – através do que defendo ser a relação de dominação, isto é, sustentando-se essencialmente através desses três elementos: o medo da morte, o domínio do desejo pelo agressor e a relação de dependência (afetiva e/ou material) da vítima com o agressor.

Assim, em *Pequenas Grandes Mentiras*, Perry e Celeste apresentam uma relação de dominação da mulher pelo homem, como do escravo pelo senhor. Como vimos acima, Perry só determina o que Celeste é, o que ela *deseja* – como na cena do abajur –, como ela se vê (não como uma vítima, mas como merecedora daquilo, porque o marido a sustenta; em boa parte dos momentos, parece amá-la, e assim por diante), porque ela *teme por sua vida*: o medo de morrer de Celeste é o que *a mantém viva*, ainda que ela precise aceitar ser “objeto”, precise ocupar um lugar de coisa aos olhos do marido. Desse modo, ela se mantém nesse relacionamento por que tem medo de morrer. Todavia, ela também se mantém nesse relacionamento porque há uma relação de dependência que não a permite criar mecanismos para sair dele: além dos filhos em comum, de uma história de afeto e intimidade construída juntos, ele a sustenta, ele detém os bens da família, ela não trabalha mais. Ela não pode simplesmente pegar algum dinheiro e fugir, pois, o dinheiro sequer é dela – ainda que se possa haver um compartilhamento

³³ Na minha leitura da obra de Moriarty, grosso modo, a tensão sexual surge dessa relação conjugal, de uma relação de afeto e intimidade que a vítima mantém com agressor, e da dificuldade da mulher de se reconhecer como uma vítima, e não como uma maneira de afirmar que a vítima gosta ou deseja ser agredida, que deseja a agressão por si só, reafirmando o dito popular de que “mulher gosta de apanhar”, como poderia defender um leitor menos sensível à complexidade do problema. No entanto, acho que esse traço da obra poderia ganhar contornos mais profundos se pensado à luz de estudos da psicanálise, como das obras de Freud e de Lacan, mas também de obras de psicanalistas que tratam do problema da destruição como motor, como Sabina Spielrein. Para isso, ver: SPIELREIN, Sabina. A destruição como origem do devir. In: CROMBERG, Renata Udler (SELEÇÃO DE TEXTOS E TRADUÇÃO). *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise*. Obras Completas. Vol. 1. São Paulo: Editora Iluminura, 2014, p. 227-277.

desses bens, ela precisa dar satisfação sobre seu uso. E por ser dele que ela depende também materialmente, é ele quem determina o que ela deseja e como pode satisfazer – se puder – esse desejo: é ele quem determina que o gosto dela é cafona e barato, e que, portanto, pode ter um outro abajur – mas não aquele. Ele domina a vida de Celeste em diversos níveis e através de muitos elementos; ele *domina*, e isso torna mais difícil para que ela possa se libertar desse ciclo.

Uma das formas possíveis de romper com essa dependência é apresentado apenas na adaptação televisiva da série: através do aspecto material. Na série, o elemento do trabalho surge como uma possibilidade de libertação – não de forma apenas negativa, como surge para o escravo no texto hegeliano, mas também de forma positiva, pois é através do retorno ao trabalho que Celeste se torna capaz de realizar o plano de fuga que elabora com a terapeuta. Nesse momento, a adaptação do romance começa a mostrar algum distanciamento dos aspectos apresentados na obra hegeliana: nessa, Hegel não apresenta uma saída para o escravo a partir da relação de dominação, exceto pela necessidade de o conceito de reconhecimento surgir de modo pleno, o que só apareceria numa relação racional entre as consciências, enquanto naquela, essa saída é um dos elementos da narrativa. Dito de outro modo, para que haja reconhecimento para Hegel, é necessário que a relação de dominação seja superada e que ambas as consciências se compreendam e compreendam a outra como consciências, como sujeitos, e não como objetos, mas Hegel não apresenta uma solução disso *a partir de uma relação já estabelecida de modo unilateral*, como a dominação. O que Hegel parece fazer é fornecer elementos para que pensemos nessas saídas, como mostro abaixo, mas ele não *explicita* a saída³⁴.

³⁴ Uma chave de leitura aqui é que Marx teria visto nessa passagem do senhor e do escravo uma relação de dominação entre as classes, através do elemento do trabalho e de sua alienação, e que a saída se daria através de uma revolução, que não viria sem uma reflexão acerca dessa alienação – mas essa leitura precisaria de um ulterior desenvolvimento. Ver, por exemplo: FLICKINGER, Hans-Georg. *Marx e Hegel: o porão de uma filosofia social*. Porto Alegre: L&PM, CNPq, 1986. “A tentativa marxiana pode ser entendida como determinada por um entusiasmo excessivo no que diz respeito à exposição hegeliana da autonomia humana, revitalizando apenas a crença nos ideais da revolução burguesa. Para Marx, a condição *sine qua non* da realização da liberdade

Dessa maneira, na série, numa sequência que não ocorre no romance, Celeste (interpretada por Nicole Kidman), advogada que parou de trabalhar principalmente depois do nascimento dos filhos, volta a trabalhar. Sua amiga Madeline (interpretada por Reese Witherspoon) precisa de ajuda jurídica em um processo a respeito de uma peça de teatro que ela está organizando. Celeste ajuda a amiga como advogada e, a partir disso, passa a repensar seu retorno ao trabalho, repensando a si mesma e a sua relação com Perry a partir daí.

Após uma reunião com a prefeitura, Madeline, muito feliz pela atuação de Celeste, conversa com ela. Celeste está um pouco desconfortável e parece não saber muito bem o porquê, mas diz:

É que... há seis anos... tenho limpado narizes ranhentos, organizando brincadeiras, fazendo... de tudo pra ser uma boa mãe, entende? E hoje me senti viva. Me senti bem [...] Eu sinto vergonha de dizer isso, mas ser mãe não basta pra mim³⁵.

Pelo trabalho, Celeste se sente viva³⁶. A vida surge, novamente para Celeste através do trabalho – ou ainda, *ela mesma* surge para si através do trabalho, como a *consciência escrava* no texto hegeliano: “a consciência [...] encontra-se a si mesma por meio do trabalho”³⁷. É a partir desse momento, na série, que Celeste começa a criar mecanismos para sair desse relacionamento: ela cria *condições materiais* para romper com a dependência do marido – embora tanto o livro quanto a série sugiram que outros tipos de dependências, como a afetiva, possam ser quebrados através de ajuda de profissionais da psicologia. Hegel apresenta esse reconhecimento de si mesmo da consciência escrava enquanto *consciência*, idêntica ao senhor, através do trabalho, mas a passagem hegeliana encerra com isso, não apresentando efetivamente uma libertação do escravo dessa condição a partir desse cenário, apenas apresentando seu reconhecimento como um sujeito,

estava no necessário reconhecimento da força motriz do sujeito enquanto *senhor de si mesmo e do processo de constituição desta relação reflexiva*” (p. 70-71, grifos do autor).

³⁵ Big Little Lies, 2017, Episódio 5, 27min37s – 27min58s, grifo meu.

³⁶ Um outro estudo ulterior a partir da obra de Moriarty diria respeito ao papel da maternidade para as mulheres da trama, como aparece no livro e na série, especialmente como a violência doméstica se articula com isso, no que não vou entrar aqui.

³⁷ Op. Cit. p. 150 (§195), grifos meus.

ainda que o senhor siga tratando-o como objeto. Já a série apresenta a tentativa de romper com esse ciclo precisamente através do elemento do trabalho: não apenas Celeste se repensa, como ela pode se libertar através do produto de seu trabalho.

Todavia, o romance e a série não concluem esse processo através desses elementos: o que ocorre em ambas as tramas é o assassinato de Perry, sendo que no romance, ele é morto por um grupo de pessoas, e na série, por uma conhecida de Celeste, por motivações ligeiramente diferentes, que não vêm ao caso aqui. Apesar de a saída do relacionamento abusivo nessa obra não se dar efetivamente a partir da relação de dominação posta, mas porque Perry morre, a importância da obra não é, por isso, anulada: ela traz a discussão acerca da violência doméstica, apresentando elementos tanto do ciclo violento, quanto do que o sustenta e permite que ele se repita, além de apresentar porque é tão difícil para que uma vítima dessa violência rompa com isso. Nesse sentido, meu trabalho aqui procurou conectar esses elementos no que eles têm de conceitual, através do problema posto por Moriarty e daquele posto por Hegel, a fim de que se possa atentar para isso de modo mais claro na realidade, e para que se possa pensar no problema da violência doméstica contra a mulher a partir de um contexto filosófico.

É evidente que isso não basta para resolver o problema. É preciso que muitos problemas também de ordem prática sejam discutidos e resolvidos, como o cumprimento das leis de proteção às vítimas de violência doméstica, como a Lei Maria da Penha, a qual me referi no início do texto, bem como de uma série de mecanismos para assegurar a saída da vítima desse contexto violento, desde o atendimento apropriado em delegacias até casas de acolhimento para essas vítimas, quando necessário. É necessário que o Estado cumpra também com as suas obrigações. Mas compreendo que uma discussão ampla do problema, por diversas áreas do saber, como a literatura e a filosofia, além de romper com a negligência e com o silêncio, fornecem também mecanismos para que nós, enquanto sociedade, possamos refletir a respeito do tema e, com isso, pensar em

diversas soluções. É de suma importância que se possa identificar esse ciclo violento e os elementos que o sustentam no interior dessa relação, que isso seja discutido, e que se possa pensar em soluções efetivas para o rompimento desse ciclo a partir dele, sem que isso implique em saídas trágicas, como a morte da vítima, do agressor, ou de ambos. Se, como Hegel defende, a filosofia é o nosso tempo apreendido em pensamentos³⁸, então olhar para os problemas do nosso tempo sem um pensamento crítico acerca disso é negligenciar a própria filosofia.

4. À guisa de conclusão

Como mencionei no início deste trabalho, a estrutura de dominação que a violência doméstica contra a mulher apresenta e aquela que Hegel expõe têm elementos semelhantes, ao menos da perspectiva da experiência da mulher branca de classe média. Se os fatores de raça e de classe contribuem para a diferenciação da experiência das mulheres, parece razoável crer que também contribuam para a experiência da violência doméstica, e, então, isso não pode ser simplesmente deixado de lado. Uma segunda análise sobre o problema que tratei parece apontar para a necessidade um questionamento do ciclo de violência apresentado aqui ser tomado como *modelo universal*. Em outras palavras, parece ocorrer novamente o que muitas feministas negras apontam frequentemente no feminismo branco, com alguma razão: o de tomar a experiência da mulher branca como universal para todo o gênero, desconsiderando esses outros aspectos. Assim, uma análise ainda mais profunda acerca desse problema e a partir dessas relações apresentadas aqui deveria considerar essas outras perspectivas e investigar se há alteração significativa nesse ciclo de violência.

Então, minha proposta neste trabalho, que ainda carece de muitos outros desenvolvimentos, não foi determinar que essa é a única articulação possível desses elementos, nem que eles sejam os únicos, mas que, nesse contexto, esses

³⁸ “a filosofia é [...] seu tempo apreendido em pensamentos”. Hegel. *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito*, 2010, p. 43, grifos do autor.

são os elementos que se apresentam e é assim que se articulam. Com isso, quero sugerir que, considerando fatores para além do gênero, como raça ou classe, ou bem esses elementos são os mesmos com relação a isso, mas se articulam de modos diferentes com relação a outros fatores, formando ciclos diversos, ou novos elementos podem surgir a partir desses novos fatores. Isso apresentaria uma configuração diferente daquela exposta aqui, nos quais os elementos que aponteí podem até surgir, mas o modo como se relacionam pode ser um pouco diverso. De qualquer forma, isso parece tornar o problema mais complexo, e, de acordo com minha leitura de Hegel, sua investigação, por contemplar mais perspectivas, é mais completa e, portanto, ainda mais próxima da verdade. No entanto, testar essa hipótese é material para um outro trabalho.

Referências

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, maio-agosto 2014.

BIG LITTLE LIES. Jean-Marc Vallée (Dir.). Estados Unidos, HBO, 2017. 7 episódios. Legendas em português.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, julho-dezembro 2005, p. 13-71.

FERNANDES, Maria da Penha Maia. *Sobrevivi... Posso Contar*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

FLICKINGER, Hans-Georg. *Marx e Hegel: o porão de uma filosofia social*. Porto Alegre: L&PM; CNPq, 1986.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Ciência da Lógica*. 2. A Doutrina da Essência. Petrópolis, Vozes, Editora Universitária São Francisco, 2017.

_____. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes; Editora Universitária São Francisco, 2005.

_____. *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito*. São Leopoldo: Editora Unisinos; Editora Unicap; Edições Loyola, 2010

MORIARTY, Liane. *Pequenas Grandes Mentiras*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

Panorama da violência contra as mulheres no Brasil [recurso eletrônico]: indicadores nacionais e estaduais. – N. 2. Brasília: Senado Federal, Observatório da Mulher contra a Violência, 2018. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR-2018.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2018.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

WOOLF, Virginia. *Um Teto Todo Seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Referência para citação deste artigo

MIRANDA, M. *Pequenas Grandes Mentiras: Uma ponte entre a violência doméstica e a Fenomenologia do Espírito de Hegel*. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 1, número 1, 158 - 181, fevereiro de 2019.